

# Um Predestinado

(Especial para "Tapejara" — Por  
ALVARO PORTO ALEGRE)

Há nomes que jamais serão olvidados, nomes de seres predestinados, lembrados a todos os instantes, pelo muito que fizeram no ciclo da existência.

Há, neste caso, um nome que tanto bem espalhou e tantos cometimentos executou, que conquistou admiração enorme, desmedida, espraçada, criando fundas e profundas raízes no coração da sua gente: Euclides da Cunha.

Mestiço superior, genial, inteligência de cultura poliforme, radiosa como um Sol nas alturas, deslumbrou quando viveu, deslumbando **post-mortem**, com a luz que deixou.

O seu poderoso cérebro, invejável por qualquer faceta por que for estudado, vem provar à evidência, demonstrar à saciedade, de modo inconcusso e irrefutável, que a raça branca não leva lampas, nem levará jamais sobre a nossa raça mestiça, onde o generoso sangue selvícola tanto há culminado em todos os setores das atividades humanas, ganhando terreno, sobretudo, no da inteligência.

A mestiçagem daí provinda, a mestiçagem daí oriunda, não só se faz apreciar e admirar pela sensibilidade superaguda, mas ainda pelo largo descortino e ampla visão, grandiosa nas suas aspirações e sublime nos seus embates.

Não só entre nós, mas em toda a América onde há sangue de índio, há inteligência robusta e lúcida, grande acuidade de espírito, delicadeza de sentimentos e primores incontáveis.

Uma figura exponencial dessa mestiçagem, senão a mais perturbadora e perfluyente, afigura-se-me ser a de Euclides da Cunha, se bem que há outros luminares por toda a América de vós aquilinos que prendem e atraem, que fascinam e deslumbriam.

Um erro, e grave erro, julgar existir supremacia da inteligência da raça branca sobre a nossa, onde há mestiçagem, inclusive a do negro, predominando a do aborígene. Isto, longe de nos diminuir, deve ser motivo de orgulho, porque é a raça brasileira.

Não posso compreender como entre outros pensadores que julgam superior a raça branca, quando é sabido não haver raça superior, equivalendo-se todas, se alinhe **Gustave Le Bon**, nome conceituado no ramo do saber humano, indiscutível vulto de projeção mundial, deixando, em determinado momento, atacado de amaurose, sem dúvida, escapar tão absurda afirmação.

Errar é humano. Como sabem, Euclides da Cunha sempre se fez admirar pelo seu caráter rijo e inquebrantável, granítico e sem dobrez, respeitado pelas suas atitudes destemidas, indômitas, de coragem raiando pela temeridade, servindo de espelho para quem quiser deixar de ser sombra, de simples mortal, para se tornar respeitado e admirado no cenário da vida. Esse astro luminoso que cruzou com celeridade, quase como um meteoro, pelo céu ridente da nossa Pátria, deixando luz e muita luz, luz forte, intensa, deslumbadora, luz a flux, luz a jorros, luz aos borbotões, foi um retraido. Um grande retraido. Tímido, afirmam muitos. Tímido, dizem amigos. Ele próprio assim se julgou, conforme carta que dirigiu à "Gazeta de Notícias".

Não creio. Não posso crer. Não poderei crer, nunca!

Quem assumia atitudes tão atrevidas e tão audazes e tão desassombradas, em certos momentos da sua amargurada existência, não poderia ser um tímido, mas um enojado dos homens...

Ser superior, se se retrai, em retraimento até prejudicial à sua pessoa, talvez o fizesse por desprezo, reconhecendo sua superioridade entre medíocres, protegidos e invejosos, o que repugnava à delicadeza do seu sentir.

Incompreendido, sofreu e sofreu muito...

Um torturado. Um atormentado. Gostava do silêncio. Amava a solidão. Ali, não só se manifestava uma tendência natural proveniente do sangue indígena que lhe corria e lhe bulhava nas veias, mas ainda característica do homem de gênio.

O homem de gênio foge das multidões. O homem de gênio isola-se do mundanismo. As águias procuram os píncaros.

Doloroso, na verdade, um ser superior integrar-se em ambiente de mediocridade, entre mediocres inflados de pretensões estúltas, ostentando prosopéia irritante, demonstrativa da sua insignificância, deplorável insignificância.

Isso faria sofrer penosamente o grande cientista e notável homem de letras que se immortalizou com o seu livro "Os Sertões".

O certo é que no seu retiro, longe do borborinho humano, no seio acalentador da natureza amiga, afagado por cortinas de esmeralda, ouvindo o planger de ventos que passavam, contemplando, durante o dia, o nosso céu de azul tão lindo e de maciez tão doce, e, durante a noite, tão brilhante e encantador pelas miríades de astros que ostenta, como primoroso jôal, nos deu páginas de saber profundo e de belezas tão variadas e rutilantes, que jamais serão esquecidas e que jamais desaparecerão, porque nessas páginas palpita um grande coração e vibra a alma de um povo. Entremeia-se, pois, o coração de Euclides com a alma de sua gente: o ameríndio... Revelou-se um escritor de rija tempera, escritor de pulso e de raro esplendor, chamando, de imediato, sobre

sua gigantesca personalidade a atenção dos competentes, no campo cultural.

E, destarte, com assombro, logo se tornou conhecido em todo o País, irradiando o fulgor do seu nome além das nossas fronteiras, pequenas para conter as fulgurações do seu gênio. Como escritor, se mostrou justo e humano, com coragem desmesurada, com grande independência, dizendo verdades candentes que não podiam, nem deviam ficar em silêncio.

Procedeu como procede todo aquele que tem consciência do seu valor e que não sabe fugir ao cumprimento do dever. O dever era sua religião. E tudo isso o fez, como revolucionário transcendental, em prosa elevada, máscula, em forma majestosa e triunfal, em estilo próprio, todo seu, bárbaro como o sangue que lhe fervia nas veias.

A alma do índio cantava e vibrava nesse prodigioso rebento de uma raça incompreendida e sofredora e que tanto renome há dado ao nosso Brasil...

... Embora oriundo de uma amálgama de povos, tendo em suas veias o sangue de multirraças, o brasileiro, caldeado através de muitas gerações, é este povo irrequieto e dinâmico, ativo e incansável, generoso e inteligente, capaz dos mais grandiosos feitos e das mais nobres ações, por preponderar nele a energia nativa, a energia do selvícola.

Pretensiosos, em esgares simiescos, impando ciência embotelada, não querem compreender o que resalta aos olhos: o cantar da alma do índio em nosso ser.

Através do tempo, mesmo no dobrar de muitos séculos, muita e muita coisa poderá desaparecer. Uma, porém, não desaparecerá, por maiores que sejam as modificações: **A ALMA DO POVO BRASILEIRO, QUE SERÁ SEMPRE AMERÍNDIO.**

Uma raça que tantos e tão notáveis varões nos há dado em todos os ramos das atividades humanas, dando-nos ainda nos domínios da inteligência inúmeros e destacados luminares, figurando, entre eles, em alturas sidéreas, um Euclides da Cunha, é raça que se impõe, tornando-se orgulho e nobre orgulho de todo aquele que desta raça tiver sangue, mesmo em parcela insignificante.

E, como não ser assim, se nos ofertou, além de tão numerosas e incontáveis dádivas de valores inestimáveis, esse extraordinário vulto, "um cariri perfeito", como o tachou **Silvio Romero**, outra prodigiosa inteligência mestiça de saber invulgar, eredor também de merecida admiração.

Esse "cariri perfeito" enriqueceu a literatura e a ciência brasileira com livros impercíveis, como, entre outros, — **A margem da História, Perú versus Bolívia,**

**Contrastes e Confrontos e Os Sertões**, sendo este derradeiro o primacial, o que mais alvoroçou um povo, deixando-o estupefato, pasmado ante o imprevisito, immortalizando um nome que não veio de coxins de ouro, e glorificando um grande País: o Brasil.

Esse caboclo, "misto de celta, tapuio e grego", conforme se retratou o excelso escritor, foi no campo litero-científico o que desejou ser, o que quis ser: poeta, romancista, jornalista, panfletário, historiador, sociólogo, filósofo e ainda inconfundível artista da palavra escrita, modelando um estilo que bem revela a grandeza de sentimentos e reflete a pujança do caráter de um ser super-humano.

Seria imperdoável não fazer figurar aqui uma passagem memorável da sua existência atribulada de lutador invicto.

Concorreu, em 1909, a uma cadeira de lógica no Colégio Pedro II. Encontrou, pela frente, como competidor, um temível gladiador, respeitado pela sua cultura multifforme e profundos conhecimentos de filosofia: **Farias Brito.**

O prestígio deste nome era de estarrecer!

Os dois sábios se toparam e se encontraram, em dado instante, frente a frente, na trajetória da existência, numa encruzilhada da vida.

De láureas cobriu-se Euclides da Cunha.

Afigura-se-me, pois, que quem teve a petulância, senão temeridade, de medir forças com um **Farias Brito**, não ser um tímido, mas um campeador destemido, um "taura", como se diz no linguajar gaúcho, que só poderia demonstrar timidez e se sentir pequeno ante a fúria dos raios em noite trevosa, de tempestade bravia...

Um dia, a água altaneira, sempre em vãos atrevidos e arrojados e em remígios soberbos e majestosas pelas alturas luminosas, pupilas dilatadas, observando o que se desenrolava pelo orbe terráqueo, baixou em movimentos violentos à terra, empestando as asas indomáveis em acingal pavoroso, sendo malferida, cerrando para todo o sempre as asas gloriosas, amolecendo o corpo e caindo pesadamente ao solo. O baque foi espantoso, de repercussão dolorosa. O fragor da queda foi tão formidável e apavorante, que, de espanto, fez tremer toda a população brasileira!

Fatalidade!

Mas Euclides da Cunha, mordendo o pó, não desapareceu, nem desaparecerá jamais, mergulhando, em larga esteira de luz, no seio da Imortalidade.

**Alvaro Porto Alegre**

(Sócio Correspondente do Centro Cultural "Euclides da Cunha").

Porto Alegre, Estado do Rio Grande do Sul.